



CEDI - P. I. B.  
DATA 31/12/86  
COD. 31000149

\*\*\*\*\*

RELATORIO DA SEGUNDA ETAPA DO CURSO INDIGENISTA

DOURADOS, 1 a 7 de fevereiro de 1979

\*\*\*\*\*

1. REALIDADE INDIGENA NACIONAL

Realidade dos índios de hoje

O conceito de etnia identifica-se com povo e nação, diferenciam-se deste conceito enquanto possuem elementos políticos e territoriais. Etnia é uma realidade fechada, auto suficiente e exclusiva. Exemplo: não posso ser Guarani e brasileiro ao mesmo tempo como identidade pessoal.

Etnias são comunidades humanas diferenciadas de classes sociais e guardam sua identidade interior de forma consistente e tendem a se perpetuar na sua própria identidade.

Índio é aquele que se identifica e é identificado por outros como índio. Esta conceituação é problemática, ou seja, quando o índio, por vergonha ou inconveniência pessoal nega ser índio ou, quando o índio se parece externamente com branco, é negado por este. Há neste caso, manipulação de sua própria identidade pelo dado moramento exterior. Mas, em sua aldeia, sempre considera-se como índio.

Alguns dados:

Outrora os índios eram uma população entre 5 a 7 milhões. Se comparados com a população nacional, temos:

	1.500	1800	1.978
população nacional	---	4 milhões	120 milhões
população indígena: 5 a 7 milhões		1 milhão	200 mil (aprox)

Neste período ocorre:

1. movimentos de expansão colonial em confronto com populações existentes (frentes setoriais de expansão colonial)
2. incertificação do contato
3. organização interna do grupo indígena e sua relação com o meio ambiente
4. intervenção protecionista (Estado e Missão)

Graus de integração:

Darcy Ribeiro classifica em quatro:

1. grupos isolados (de contatos eventuais)
2. contatos permanentes (há perda de autonomia cultural, sem descaracterizar se totalmente, conservando alguns costumes)
3. contatos intermitentes (contatos eventuais, porém o grupo mantém sua própria autonomia cultural)
4. desintegrados (guardam apenas alguma identidade étnica)

Estes graus não são sucessivos necessariamente, podendo um grupo isolado passar imediatamente e ser um grupo "integrado"

Contribuíram para o desaparecimento dos índios: a redução dos territórios, miscigenação, as doenças e a dominação econômica entre outras causas.

Modelo Econômico, Frentes de expansão e áreas indígenas:

O estereótipo dos manuais de hoje apresenta apenas dois grupos indígenas: Tupiniquim e Tupinambá. Viviam em redes, andavam sem roupa, se alimentavam de mandioca. Diz também que não eram feitos ao trabalho escravo.

A Europa no séc. XVI estava buscando a expansão colonial. Daí-se o surgimento da burguesia mercantil, a qual faz empreendimentos nas colônias. No Brasil encontra o pau-brasil, como primeiro ciclo de exploração. Não precisava de grandes investimentos, pois era só chegar e pagar. Colabora com o fluxo regular de bens e busca de mercadorias. Mas não deu certo porque o índio não colaborou no fluxo.

Com o início da cana-de-açúcar introduz-se a escravatura negra (como mão-de-obra), o latifúndio e a monocultura de exportação. Encontra-se a solução para a colônia, porque favorecia ao fluxo regular de mercadorias. Ocorre a especialização da mercadoria e saturação de mercado. Com isto ocorre a ocupação, usando os elementos humanos: o índio, o colono (dono da terra) e o escravo negro, o qual servia como mercadoria (base da mão-de-obra).

A coroa portuguesa possuía o monopólio, impunha o preço das mercadorias produzidas na colônia para a exportação, como também das mercadorias importadas, o mesmo acontecendo com o escravo negro, que era tido como produto altamente rentável para a coroa e a burguesia mercantil.

O latifúndio surgiu porque terra havia bastante. Era só arrumar gente para trabalhar nela. A fazenda - unidade produtiva - apresentava uma contradição interna, pois produzia mercadoria para exportação e não alimentos, provocando fome na população. A fazenda alojava os pobres livres que moravam de favor nos fundos da mesma com funções de:

- plantar a roça, desmatar,
- defender a fazenda e arredando os índios.

Mas quando o dono quisesse ampliar sua plantação os pobres deveriam deixar seu lugar, ocupando o sertão, sucessivamente.

Em 1850 os homens livres formavam 2/3 da população. Através do ciclo do gado e café ocorre a ocupação do centro-sul.

A ocupação da terra traz o desenvolvimento e gera o monopólio comercial, com a exportação para a coroa da matéria prima explorada. Neste processo de expansão e ocupação colonial da terra o índio é obrigado a deixar o habitat para o invasor mais poderoso e forte, o qual vê no índio apenas um entrave para o desenvolvimento e ocupação. Deste modo o índio vai desaparecendo. E em 1900 havia 230 grupos e 57 anos depois, 87 grupos são extintos e 38 integrados.

Causas do desaparecimento dos grupos indígenas:

(Trabalho de grupo)

- O caráter agressivo da conquista da terra pelas frentes de expansão econômica,
- preconceitos contra o índio, o qual nem sempre foi considerado como gente, por isto podia ser morto, desimado...
- imigração alemã e italiana com estereótipos acerca do índio,
- intromissão de missões impondo o cristianismo, desintegrando sua cultura, pois a religião é um elemento de coesão da cultura indígena,
- falta de preparação dos agentes de pastoral, muitas vezes alienados,
- exploração do índio pelo próprio índio,
- ainda hoje o aspecto econômico orienta toda contato da sociedade nacional com os índios,
- o índio visto apenas como mão-de-obra,
- falta de uma verdadeira política de proteção ao índio,
- o caminho rápido da extinção não deu tempo para resistência do índio.

A Industrialização:

Com a industrialização ocorre o processo de reconversão da economia. O ano de 1930 (Revolução) é o marco temporal da industrialização no Brasil. Dá-se a transferência da agricultura para a indústria. A industrialização nasce à sombra do latifúndio de café, patrocinado pelo Estado com capital externo.

De 1930 a 45 a indústria é voltada para bens de consumo não duráveis. De 45 a 60 ocorre a internacionalização da economia, com entrada de capital estrangeiro, indústria de bens duráveis.

Modelo econômico e político brasileiro:

Muitas vezes quando estamos trabalhando com um grupo indígena específico, mergulhado numa realidade concreta e particular, necessitamos ter uma visão de conjunto do processo social.

O foco da análise será o processo de ocupação da Amazônia chamada legal nos últimos anos (1960 para cá), do ponto de vista econômico e de seus efeitos sociais, especialmente às populações indígenas.

Os critérios que orientaram esta escolha: dois saltos de crescimento acelerado da economia brasileira (os 50 anos em 5 de JK e o "milagre" 68/73), implicaram numa alta concentração de capital, numa grande euforia desenvolvimentista e no alargamento das fronteiras internas. A incorporação de novas áreas e a racio-

nalização capitalista de outras. Diferentemente dos saltos anteriores, este mais recente significou uma ocupação veloz e veraz, comandada pelo polo urbano-industrial da economia industrializada. É a volta por cima do polo urbano-industrial da economia (apoiada no tripé: Estado, empresas nacionais, empresas estrangeiras) sobre o polo agrário, exportador tradicional.

Pergunta-se quais os efeitos e perspectivas que este processo resultou para os vários grupos indígenas da Amazônia?

Características do modelo:

- crescimento econômico acelerado,
- mola mestra é a grande empresa urbano-industrial,
- Estado garante a infraestrutura para a realização do capital associado privado. Internacionalização da economia.
- industrialização restritiva ou excludente: bens sofisticados, transferência do sistema produtivo já pronto, etc.
- concentração de renda: baixos salários, mercado de alta renda - bens duráveis.
- agravamento da dívida externa (dependência maior):
  - . dívida externa enorme e crescente
  - . penetração do capital estrangeiro direta e indireta,
  - . "exportar é o que importa" pagar amortizações, juros...
  - . exportações: bens que incorporam baixos salários e baixa tecnologia,
  - . importações: bens que incorporam altos salários e alta tecnologia = intercâmbio desigual
- papel da agricultura:
  - . liberar mão-de-obra
  - . alimentos a custos razoáveis,
  - . matérias primas,
  - . divisas.
- dominação burocrático-autoritária:
  - . desarticulação e repressão sobre a sociedade civil e política.

O milagre recente tem raízes profundas. O estilo de dominação política da época e as crises do início dos anos 60 foram um empasse que abriu brecha para a intervenção militar de 64.

Entre '67 e '72 os empresários "paulistas" compraram um território equivalente a 2,5 vezes o tamanho do Estado de S. Paulo. São 800 mil Km<sup>2</sup> espalhados pela Amazônia legal. O preço do hectare na época variava entre 0,25 e 0,30 centavos. Hoje, anda por volta de R\$ 5.000,00. Basicamente esta ocupação é improdutiva, causando um fechamento da fronteira, ou seja, não há mais as antigas terras sem dono, que permitiram durante muito tempo o movimento de repro-

dução dos camponeses

expulsos de suas áreas de origem.

### Ocupação da Amazônia:

- Dada a alta taxa de capitalização do polo urbano-industrial da economia e sua composição (burguesia associada), dado o peso específico e o papel do Estado (infraestrutura e garantidor da ordem social), a partir dos anos 60 os empresários do centro-sul começam a invadir a Amazônia para implantarem projetos econômicos: agropecuários, extrativistas e imobiliários.
- O governo lança uma série de programas de infraestrutura, sem vistos de incentivos e facilidades para a realização do grande capital associado. Ao mesmo tempo o Estado, com seu poder regulador está ausente da Amazônia, onde se desenvolve um capitalismo selvagem e predatório.

### Consequências:

#### Conflitos de terra:

- fundados na presunção de direito de posse,
- deslocamento de populações camponesas; expansão dos latifúndios, inclusive sobre terra devoluta, que os Estados e a união recuperaram para realizar "os projetos de colonização", cria fechamento da fronteira. Os camponeses, os posseiros não têm onde ir.
- os conflitos aumentaram no cinturão da bacia: norte do MT, RO, AC, Sul do PA, MA, RE.
- trabalho compulsório; expulsão de trabalhadores para países vizinhos: duas faces da mesma moeda.
- deslocamento compulsório, invasões, conflitos em áreas indígenas.
- urbanização e marginalização.
- aumento de concentração fundiária.
- alienação das terras públicas em favor de grandes proprietários, apóio à regulação da situação jurídica, quase sempre através da ilegalidade.
- concentração de crédito e apóio às culturas de exportação; Amazônia cada vez mais importa alimentos básicos.
- consolidação de poucas empresas agropecuárias; muitos dos empreendimentos não passam de compras de enormes extensões de terras por empresários que aproveitam facilidades e incentivos fiscais.

Hoje em dia os indícios da política agrária de Figueiredo apontam na direção de um rearranjo: a burguesia agrária vai fazer parte do pacto político. Os empresários agrícolas, aliás, são as mesmas pessoas que compõem o empresariado industrial, cujo capital se territorializou, indo para o campo sob a forma de propriedade da terra.

Qual será a sorte dos índios perante tal situação nada alentadora?...



(José Oscar Beozzo)

Quando analisamos a história das missões no Brasil, devemos ter em mente que esta se encaixa numa história mais geral de encontro entre as diversas sociedades indígenas aqui existentes e a sociedade branca que aqui chega.

Devemos ainda considerar que o contato que se estabelece entre as duas sociedades é imposto a uma delas. A sociedade indígena sobretudo do litoral não teve nenhuma opção em estabelecer ou não o contato.

Em terceiro lugar a sociedade branca apresenta-se sob o duplo signo de conquistadora e de colonizadora.

É apenas dentro deste quadro geral mais amplo que poderemos colocar o problema da catequese e da missão.

De um modo geral podemos assinalar quatro tipos ou modelos de contato entre a sociedade conquistadora e as sociedades indígenas com profundas influências sobre o exercício e a prática da tarefa missionária.

#### I - Missão na economia do pau-brasil

A descoberta foi seguida do estabelecimento por parte dos portugueses de pequenas feitorias na costa, que possibilitassem o escambo entre estes e os índios. O produto buscado pelas náus portuguesas era o páu-brasil. Os índios procuravam as árvores na mata, abatiam-na e lavravam o tronco e o transportavam até o litoral, onde trocavam com os portugueses ou com corsários franceses, recebendo missangas, instrumentos de ferro, algum vestuário.

Missionários franciscanos acompanham normalmente as frotas das Índias, como Frei Henrique de Coimbra a de Cabral e as seguintes que vem ao Brasil no seu caminho para o Oriente. Mantém o mesmo contato esporádico com os indígenas como os que vem buscar o pau-brasil. Não se pode falar nesta etapa de uma empresa missionária junto aos indígenas.

A necessidade porém de defender as terras descobertas tanto de espanhóis como de franceses, vai obrigar os portugueses a estabelecerem uma estratégia de ocupação econômica, por razões de ordem militar. Não se havia encontrado nas terras nem ouro nem prata como nos estabelecimentos espanhóis do México e do Peru. Os portugueses vão optar pela empresa agrícola.

Nesta etapa do pau-brasil o contato é relativamente pacífico e o relacionamento entre indígenas e portugueses se estabelece numa base de cooperação e de troca, sem que se idealise este contato pois já em 1.503, a náu Bretoa volta do Brasil para Portugal levando trinta índios cativos.

O projeto da empresa agrícola altera radicalmente os termos do contato entre indígenas e os colonizadores.

De marinheiros que visitam a costa, os portugueses pretendem tornar-se moradores da terra.

Para a empresa agrícola dois elementos são cruciais: terra e mão de obra. Há transfiguração do próprio indígena: de colaborador no escambo do pau-brasil, este vira um obstáculo que se interpõe entre o colonizador e a terra cobiçada. De trabalhador voluntário e intermitente na exploração do pau-brasil, o índio será coagido ao trabalho permanente para a derrubada da mata, preparo da terra, plantio e colheita da cana de açúcar.

O projeto de povoamento, em 1531, através das concessões em termos de capitânicas hereditárias, com duas exceções, São Vicente e Pernambuco, foi um fracasso, sendo substituído pelo engajamento do próprio governo e com o envio de Tomé de Souza à Bahia em 1549.

Com Tomé de Souza vem os primeiros jesuítas para estabelecer a catequese. Catequese e colonização sob a responsabilidade do Estado são duas faces da mesma moeda.

Qual o relacionamento da catequese com a implantação da empresa agrícola. Esta é crucial tanto em relação à terra como à mão de obra.

A catequese, aldeando os indígenas, liberava grandes áreas de terra de sua presença, podendo então os colonos, com tranquilidade iniciar a posse e o amanho das mesmas. Transformando o índio bravo em índio manso, o gentio em cristão, o missionário com sua aldeia ao lado da vila portuguesa começa a fornecer a tão necessária mão de obra, para os trabalhos agrícolas, para a edificação das instalações dos engenhos e construções das vilas. Recusando-se os índios ao trabalho, este passava a ser compulsório e da compulsão à escravidão total foi um passo rapidamente transposto, ainda que sob o protesto dos missionários.

Perda da terra, evangelização e escravidão vinham de par na experiência colonial, comprometendo a credibilidade da missão.

Os melhores dentre os missionários se aperceberam do caráter ambíguo e devastador da missão e do contato entre o índio e o branco. O aguardente tornava-se uma paga corrente pelo trabalho indígena. A carência de mulheres, entre os colonos portugueses, fazia também da mulher indígena uma presa cobiçada.

A luta dos missionários vai se orientar em duas direções: Evitar de continuar os descimentos de índios para as aldeias ao lado da vila portuguesa e obter que foi assegurada pelo Rei a liberdade dos índios. Aconselham que se introduza o escravo africano para os trabalhos nas plantações, deixando em liberdade os naturais do país.

Em vez de trazer o índio para o lugar português, o missionário passou a transferir-se para o lugar indígena, indo aldeá-lo distante do litoral.



Em todos os lugares onde falhou a catequese em liberar a terra da presença indígena e em fazer do índio mão de obra do colono, a alternativa foi o massacre do índio. Massacre individual na fazenda, mas também coletivo em guerras organizadas pelo governo, armando inclusive tribos adversárias. No geral as cidades nascem em lugares de massacres indígenas. Vitória no Espírito Santo está dedicada à N.S. da Vitória para comemorar a vitória dos portugueses sobre os índios, no local onde foi edificada a cidade sobre os corpos de 30.000 indígenas. Outro tanto foi morto por Estácio e Mem de Sá no Rio de Janeiro, sendo a cidade dedicada a outro santo guerreiro: São Sebastião.

### III - Missões no sul e no Maranhão

No Paraguai, Paraná, Rio Grande do Sul, sul do Mato Grosso, os jesuítas espanhóis iniciam suas reduções entre os guaranis numa nova tentativa missionária longe dos brancos, estando os índios comprometidos numa agricultura ou pecuária de subsistência e não numa economia de exportação, como na zona do açúcar.

Essa experiência das reduções inspira as missões jesuíticas do Maranhão e do Alagoas sob a direção de Bettendorf, Figueira e Vieira.

Estes tentam aprender a língua indígena e preservar sua cultura e costumes, manter sua organização social e política, evitar o contato com os brancos e guardar sua independência como povo e nação.

O grande choque será no Maranhão entre os colonos e os missionários. Estes queriam de qualquer modo escravizar os índios para o trabalho em suas roças e demais serviços. Não praticando a monocultura do açúcar e não exportando em larga escala não tinham dinheiro suficiente para importar escravos africanos. O índio era a solução para o seu problema de mão de obra. A luta entre o missionário pela liberdade do índio e do colono pela mão de obra, vai soldar-se quase sempre pela prisão e expulsão dos missionários ou em contínuo conflito com os moradores, os fazendeiros e as Câmaras de São Luís e de Belém.

Os índios nas mãos dos missionários que se tornam administradores de suas aldeias no temporal e no espiritual, vão ser engajados tanto numa agricultura de subsistência em benefício das próprias tribos como no sistema de coleta das drogas do sertão para a exportação. Presos pois nas malhas de um sistema híbrido, tanto de agricultura de subsistência como de coleta para exportação, os índios serão mantidos ao mesmo tempo em liberdade e em semi-servidão. A malha que os prende ao sistema colonial é o comércio. São obrigados a fornecer certos produtos, aos missionários e aos moradores brancos.

Não interessa ao branco a terra do índio, nem escravizá-lo para depois enviá-lo de volta à mata em busca das drogas. O importante é

convencê-lo a praticar a coleta das drogas e controlar as saídas dos rios para evitar o contrabando. Assim tanto os estabelecimentos militares como os estabelecimentos missionários na Amazônia se localizam na entrada dos rios.

Apesar das críticas que se possam fazer tanto à experiência do Maranhão como das reduções do sul, houve aqui uma catequese menos brutal do que no litoral, talvez pelo espaço maior deixado ao missionário pelo sistema econômico destas áreas.

#### IV - Bandeiras e Missão

No planalto de Piratinga estabelece-se um novo padrão de relacionamento entre populações indígenas e o branco. São Paulo é lugar pobre que não permite a economia colonial de exportação pelas dificuldades de transporte entre o planalto e o litoral, devendo transpor necessariamente a serra do mar, onde não havia caminhos nem mesmo de mulas.

São Paulo é uma vila que vive pobremente praticando agricultura de subsistência. Sua população torna-se rapidamente mestiça, tornando-se mameluco, filho de português com índia, o padrão normal. A língua geral deixa de ser o português para tornar-se o tupi. Para suas entradas, usam os paulistas os índios como carregadores, remeiros, soldados, guias pelos caminhos dos rios e das matas. Pouco a pouco o paulista especializa-se na produção de um único produto para exportação para outras áreas do país: índios para os trabalhos escravos, de preferência, índios mansos, preados nas reduções jesuíticas do Guairá, no atual estado do Paraná, no Tape, no atual estado do Rio Grande do Sul e no Itatim, no sul do Mato Grosso, na região compreendida entre os rios Miranda ao norte, Apa ao sul e Paraguai ao oeste.

Entre 1628 e 1630 são 60.000 índios do Guairá e do Tape, 30 mil índios em 1637, do Itatim.

O conflito entre o missionário e o paulista preador de índios leva à expulsão dos jesuítas da vila de São Paulo em 1613. Quando voltam anos mais tarde é sob um contrato com a Câmara da Vila de que se ocupem apenas do espiritual não se intrometendo mais no temporal, isto é, no rendoso tráfico de índios escravizados.

### 3. TEOLOGIA DA EVANGELIZAÇÃO:

#### Passos dados pela pastoral indigenista:

Os passos mais importantes foram:

- 1965 fim Con. Vat. II
- 1968 Medellín
- 1971 - janeiro - encontro de Barbados ( 1º)
- 1971 - março - encontro de Iquitos
- 1972 - março - encontro de Assunción
- maio - encontro de Bispos e missionários indigenistas com a criação do CIMI

NB-Maiores explicitações encontram-se na apostila: IV "A Igreja e o problema indígena"

#### Razões para evangelizar (conclusões dos grupos)

- Cristo é Boa-Nova para todos os homens,
- vivência da fraternidade e do Evangelho,
- ser evangelizado pelo outro ( índio),
- descobrir a maneira de ser irmão para que todos sejam irmãos,
- compartilhar com a vida, as lutas e libertação do outro, garantindo sua vida como indivíduo e como povo,
- amizade com Cristo numa relação de misericórdia: serviço ao outro
- dar uma imagem diferente do branco,
- compromisso como batizado,
- nenhum motivo para evangelizar.

#### Constatações e complementação do Pe. Meliá:

- Não haveria "nenhum motivo para evangelizar", enquanto a evangelização intervém no grupo quebrando sua cultura, seus costumes e crenças...

Evangelizar: é anunciar a Boa-Nova de Cristo para todos. A Boa-Nova é viver o Evangelho, fazendo Igreja com todos, isto é, criar e viver fraternidade.

Por parte dos missionários: anunciando o Evangelho, o missionário vive o Evangelho. Anunciando o Evangelho

ele pode: servir,

- compartilhar das lutas,
- desenvolver atitudes de fraternidade,
- garantir a vida dos índios,
- dar uma imagem diferente do branco
- auto-realizar-se (libertar, libertando-se).

Evangelizar sendo evangelizado, significa que aquele que vai evangelizar será evangelizado pelos índios, isto é, evangelizar índios é ser evangelizado por eles.

Nos últimos anos foram os índios e os pobres que converteram a Igreja, principalmente na América Latina

Por parte do índio: o índio tem o direito de conhecer Jesus Cristo. É através da evangelização que o índio poderá garantir sua sobrevivência, no atual estado de penúria que se encontra.

### EVANGELIZAÇÃO:

Pe. Meliá

A evangelização é um encontro que se dá num espaço e num tempo. Na Evangelização é fundamental onde e quando se faz o encontro e como é vivido este encontro. O próprio Cristo é um encontro com a humanidade, num período histórico, dado e num lugar determinado ( Belém).

O perigo da evangelização é quando esta se refugia no abstrato, por exemplo: "evangelização é anunciar Cristo", o que não diz nada ainda, pois o encontro só se dá no concreto. Lá é importante saber: como você chega ao lugar de evangelização indígena? ( de avião ou a pé, que língua você usa: da sociedade dominante ou da população étnica? Onde você durante o encontro? Na casa do chefe de posto (FUNAI), ou própria maloca do índio? A partir de que ideologia? Com que modelo cultural e em que modo de economia?)

O encontro do missionário ( e da Igreja) com o índio obriga-o a ser cristão, assumindo a sua realidade concreta, sem nenhum termo, pois o índio nos desafia para vivência real do cristianismo, contestando a nossa própria sociedade.

O índio, pelo seu modo de vida mais humano, apresenta uma "ecologia evangélica" que é ótima condição de eclosão do evangelho. Nossa civilização, pelo contrário, tem desenvolvido através do desequilíbrio e ruptura da humanidade, condições que fazem impossível a vida cristã. A ecologia para a vida cristã foi destruída na chamada "civilização". A missão dos índios não seria de salvar a civilização branca?

Todo encontro implica num tipo de contato. Na história pode-se ver vários tipos de encontros:

- assimilação: o índio deve passar para a língua, economia, costumes, religião, cultura do missionário
- aculturação: o índio(entra na cultura do branco) adapta parte da cultura do branco para refazer parte de sua cultura
- adaptação: este já é um passo a mais com relação aos outros dois, porém muito artificial e ao mesmo tempo um grande perigo, por que? Porque a simples adaptação pode levar a aprendizagem da língua, por exemplo, mas continuar pensando na mesma categoria da cultura de origem.
- inculturação: é a encarnação da vida cristã na cultura indígena, anunciando a boa-nova, cabendo desenvolvê-la, a partir dos próprios padrões culturais.

Razões pa-ra não evangelizar:

Se compararmos "as razões para evangelizar" com "razões pa-  
ra não evangelizar" constatamos que as razões para não evangelizar  
são mais concretas do que aquelas citadas nos grupos para evangeli-  
zar.

Dentro das razões para não evangelizar destacamos três gru-  
pos assim constituídos:

## 1) por parte da Igreja Missionária:

- a experiência histórica negativa das missões que colaborou na  
destruição da vida indígena. Tal afirmação suscita o problema das  
missões indígenas na América Latina. Pergunta-se: ela foi ou não  
negativa? e isto atrapalha os atuais projetos missionários. Mas, se  
rá, se a história realmente foi negativa, motivo suficiente pa-  
ra não evangelizar hoje? Pois, a experiência histórica provém de  
fatores do passado, mas também é do presente.

- será negativa quando o missionário não é evangelizado, demons-  
trando atitudes de rejeição da cultura indígena.

- de modo geral, o missionário não está inculturado. É um visi-  
tante entre os índios. Não convive, não participa das "coisas" do ín-  
dio: língua, costumes, sistema de comunicação, organização, etc...

- como não há convivência do missionário na tribo, não há conhe-  
cimento da religião do índio ( mitos, crenças, expressões religio-  
sas, rituais, etc.).

- falta de clareza sobre o que é evangelizar,

- a evangelização pode ser instrumento de dominação: domesticar  
ou amansar o índio, tornando-o mão-de-obra para os interesses da  
sociedade nacional.

## 2) da parte do índio:

será que eles já não são cristãos? No caso afirmativo, como en-  
tender que eles o são? Os índios possuem uma religião que os rela-  
ciona diretamente com Deus. Esta possui muitos valores. É verdadei-  
ra porque para eles tem sido a verdade histórica até o momento. Cris-  
to nasceu, viveu, morreu e ressuscitou para todos. A comunidade ca-  
minha e já está vivendo a revelação, mas não de maneira explícita.  
Fazendo comparação com nossa civilização, descobrimos uma série de  
valores mais perto da vivência evangélica do que na nossa socieda-  
de. Pergunta-se: isto vem de uma revelação primitiva? ou, provém  
da sua própria cultura como um todo. e que como cultura ou modo de  
ser próprio está mais perto da realidade cristã?

- não destruir esta religião ou cultura com a nossa menos evan-  
gélica.

- no caso concreto a evangelização provoca confusão religiosa  
de duas formas: confusão entre as distintas confissões religiosas  
confusão entre os índios, trazendo insegurança re-  
ligiosa e cultural!



- o próprio Cristo ficou 30 anos sem evangelizar

que direitos temos para evangelizar?

O único motivo encontrado nos grupos para a evangelização é que Cristo veio anunciar quem é o pai e que nós somos todos irmãos. Na experiência histórica da evangelização indígena não se encontrou motivo suficiente para haver evangelização explícita.

Evangelização das culturas:

O evangelho não se identifica com nenhuma cultura, mas se encarna numa cultura concreta. O evangelho só se dá no concreto.

No nosso tempo vivemos o drama da ruptura entre o evangelho e a cultura. Porque ele é esvaziado de seu conteúdo e ideologizado.

Por isto é que pregar o evangelho ao pobre, ao índio é um teste para a Igreja. Quando se depara com a pobreza confronta-se com sua própria doutrina. O que vem exigir constantemente renovação e transformação nos métodos de evangelização usados pela Igreja.

partindo sempre do mais pobre e pequeno.

Cultura: para os índios guarani significa: "nosso modo de ser" (Ñanderéko). Uma definição mais sistemática, entre muitas outras seria: é um sistema para conhecer e atuar uma realidade, adquirido socialmente, que orienta os indivíduos nas diversas situações de sua existência. Esta definição contém três elementos: modo sistemático de ver, de atuar, situar-se neste mundo,

- história social (sistema adquirido historicamente)
- e trabalho no mundo.

Cultura e religião:

A religião é um sistema de crenças e de ritos ("definição etnológica"). A crença é o modo de pensar e simbolizar a realidade. Não se pode separar estes elementos. Porém, na filosofia o sistema de crenças sobrepõe-se ao sistema de ritos.

A religião é importante dentro das culturas porque em muitas culturas o sistema de conhecimento é um sistema de conhecimento religioso. Neste sentido há identificação entre cultura e religião. Daí qualquer impacto na cultura repercute na religião. É impossível separá-las.

Tradição da Igreja:

No texto At 10 (Pedro e Cornélio) está relatada a primeira missa da Igreja, com os pagãos. Que lição está neste episódio? Pedro nem se quer conta com o exemplo de Cristo, pois Cristo não evangelizou pagãos. Pedro encontra-se diante duma situação desconhecida até então, a qual contém elementos fundamentais:

- 1) a novidade,
- 2) a proibição,
- 3) a repugnância.

Pedro tem que aceitar, convertendo-se à nova realidade, que a religião vai se encarnar em outra cultura. Aceita também que a fé em Cristo vai se desenvolver numa nova religião.

## 2. A Inculturação:

A inculturação é a encarnação da vida e mensagem cristã em uma (realidade) área cultural concreta, de maneira que esta experiência não somente chegue a se expressar com os elementos próprios da cultura em questão (o que não seria mais que uma adaptação artificial), senão, que se converta no princípio inspirador normativo e unificador que transforme e recree esta cultura, originando uma nova criação.

A inculturação não é só um problema do que vem de fora, mas do grupo mesmo que vai se aculturando ao novo.

A inculturação é um processo lento que implica ou inclui:

- 1) atitudes e prática.
- 1) atitudes:
  - abertura interior, baseada na humildade,
  - paciência,
  - discernimento: a comunidade é o meio para fazer o verdadeiro discernimento.
- 2) práticas:
  - uma aproximação científica do problema (não necessariamente acadêmico).
  - uma inserção no grupo:
  - tudo deve ser uma experiência de vida com (vivência com o grupo)

Nas missões tradicionais raramente se deu a experiência do outro com todo o próprio valor.

## 3. A Ação da Inculturação:

-Auto-determinação: não se pode fazer a vez do índio. Na nossa ação concreta não podemos interferir na auto-determinação do índio, nem substituir. A inculturação nunca pode ser feita em nome do outro.

Três causas da submissão e dependência indígena:

- 1) despropriação da terra,
- 2) desculturação, sobretudo na língua,
- 3) dessocialização.

Quanto à terra, se hoje lutarmos para dar terra ao índio ainda estamos longe de devolver aquilo que é seu, porque lhe roubamos não só a terra, mas significado que ela tenha. O índio se identifica

com a terra. Nela acontece a vida. Daí que para os Cajová: "índio e terra [ser a mesma coisa. Para eles, a terra não tem limites (propriedade privada).

Na pastoral indígena, às vezes, a luta pela terra, não tem a repercussão no índio conforme nossa expectativa. Isto porque ele vê o problema terra como uma questão nossa em relação à comunidade indígena.

A língua: O índio foi dominado também pela privação de sua língua, através de uma pressão ideológica, educativa, psicológica... Deve haver agora uma certa recuperação da língua, mas sem radicalismos. Mesmo sem a língua tem-se que ir para a auto-determinação. Muitas vezes a recuperação da língua se dá na identificação com uma terra.

A organização social:

Esta compreende o sistema de habitação, de parentesco, a organização da chefia e a assembleia. Mexer na chefia natural desorganiza a organização social existente na tribo.

-Solidariedade: a solidariedade deve dar-se numa comunhão que não é confusão. A solidariedade também se dá pelos três caminhos anteriores. Contudo, deve-se ter claro que a nossa solidariedade se dá de forma diferente da organização dos índios.

- Evangelização: A evangelização só pode acontecer dentro da perspectiva em que se favorece a auto-determinação do índio. É esta uma forma de evangelização nova, pioneira. O que se fez, na maioria das vezes, até hoje foi uma caricatura de evangelização.